Anno 16.º — Sabado, 5 de Maio de 1923 — N.º 775

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões—AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

FILMS...

VEIO nos jornais anunciado um contra-projecto que dentro em breve modificará as relações entre o Estado e a Igreja, alterando assim alguns artigos da chamada Lei da Separação, que, por este andar, não tarda muito que esteja toda, toda, engulida pelo proprio partido que a promulgou.

E querem estes politicões de má morte que os tomêmos a sério!

COMO se sabe, suicidou-se em dia de sexta-feira da Paixão, em Madrid, o bispo designado do Sião, reverendo Vales Faild, homem de elevados dotes de espirito e de saber. No seu funeral, dizem os noticiaristas, encorporaram-se numerosas congregações, cabido e muitos eclesiasticos.

O suicidio é condenado pela Igreja, *anatema sid* a todos quantos, por esse meio, ponham termo á existencia. Logo, o dr. Vales Faild não tinha direito ao acompanhamento dos colegas nem a ser perdoado. E contudo...

Que dirá a isto o bispo de Coimbra tão zeloso na observação dos codigos, das leis canonicas e dos preceitos do Evangelho?

CORRE na imprensa que o senador Buthelot e um seu irmão, alto funcionario do ministerio dos Estrangeiros da França, estão processados por possuirem uma grande fortuna sem que seja conhecida a sua proveniencia.

Cá em Portugal não é assim. Quem tem, vale, e essa circunstancia põe os mais autenticos gatunos a coberto de qualquer encomodo.

Pelo menos, está provado.

HA dias apareceu no Congresso uma proposta pela qual seriam creados mais 300 logares de tesoureiros da fazenda publica.

Ou não fosse do programa do actual ministerio reduzir as despêsas...

O sr. dr. José de Abreu declarou nos jornais voltar á atividade politica como soldado do partido democratico, do qual se havia afastado ha anos. Como se sabe o sr. Abreu é cunhado do sr. dr. Afonso Costa.

Que irá suceder?

Excursão de Viana a Aveiro

O *Sport Club Vianense*, de acôrdo com outras agremiações desportivas e alguns outros elementos de valor, resolveu efectuar nos primeiros dias de julho a sua prometida excursão a esta cidade pela qual se diz reina já o maior entusiasmo.

Com os excursionistas devem vir a nova banda dos Bombeiros Voluntarios, um grupo de *foot-ball* pertencente ao *Viana Taurino Club*, nadadores do *Avis Atletico Club* e um grupo de amadores dramaticos, que dará uma récita no dia da chegada, á noite.

Que o povo da nossa terra se vá preparando para receber condignamente os seus visitantes, prodigalisando-lhes as maximas homenagens a que teem direito.

O Democrata vende-se no *Quiosque Raposo*, praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Festa intima

Na casa de residencia do nosso presado amigo e colaborador, Humberto Beça, no Porto, realisou-se terça-feira um almoço a que assistiram os srs. dr. João de Oliveira Ramos, Lopes Vieira, Marques Moura, Raul Martins e Loureiro Dias, da redacção do *Primeiro de Janeiro*, dr. Herculano de Oliveira, Raul Tamagnini e Arnaldo Ribeiro, tendo-se passado horas agradabilissimas de fraternal convivio que dificilmente poderão ser esquecidas.

O *ménu*, um magestoso folar de Bragança — magestoso pelo tamanho e mais magestoso ainda pela variada e saborosissima *metralha* que constituia o seu recheio—fez as delicias de todos os convivas, unanimes em tecer merecidos elogios a quem o concebeu tão apetitoso, assim como o dôce, servido no fim, tudo devido ao *savoir faire* da dedicada esposa de Humberto Beça e sua gentilissima filha.

Ao *champagne*, brindes houve que sensibilisaram pelas saudosas evocações do passado. Assim, Raul Tamagnini, recorda a fundação, ha 28 anos, com outros estudantes republicanos, de um semanario que se intitulava *A Geração Nova* e tinha por correspondente, em Aveiro, o nosso director, a quem envolve em carinhosas palavras de apreço. Este, por sua vez, alude a esse e a outros jornais que auxiliou, destacando a *Folha do Norte*, diario do tenente Coelho e Julio Lobato, falecido na Africa, e que quasi todos os convivas conheceram nos agitados tempos da propaganda republicana.

Lopes Vieira, sempre irrequieto como os *maduros* que se ficam nos 27, sempre brincalhão e espirituoso nos seus ditos, brindando pela juventude, representada por Herculano, a galante Bertinha e ele, tem para Humberto Beça, publicista e professor, ha pouco entrado para a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, do Porto, palavras de justo encomio, que todos aplaudem, terminando o dono da casa por fazer o elogio da mulher, sem preconceitos, da mulher auxiliar do homem, da mulher para quem a vida domestica é tudo e o lar a unica preocupação da sua existencia.

E cheios de reconhecimento pelas inumeras atenções recebidas, saem os que, naquele verdadeiro ninho de amor, foram passar algumas horas de alegre convivio espiritual com que Humberto Beça quiz mimosear velhos amigos, alguns já encanecidos nas asperas lutas da imprensa.

Em vez de resposta

Para aquilo que o orgão democratico ultimamente escreveu a nosso respeito há só uma coisa: os tipografos voltarem a *encravar* a sucia de mastins que, á falta de argumentos com que nos possam combater, lança mão de toda a sorte de baixêsas para atacar quem jámais se desviou do caminho recto dos seus deveres, tornando-se, por assim ser, incompativel com toda a frandulagem que segue por outras vias.

E' que, mesmo, não enxergâmos outra maneira de lhe enchermos as medidas senão assim...

Dr. Marques da Costa

Republicano historico, com larga folha de desinteressados e valiosos serviços ao partido, tanto nos duros tempos da propaganda como nas horas alegres do triunfo; coração francamente aberto ás mais elevadas provas de filantropia e altruismo; incapaz d'uma baixeza ou d'uma cobardia, o dr. Marques da Costa foi tambem um daqueles que, enojados pela miseria moral dos dirigentes da politica local—a casa Vera Cruz, concretisada, presentemente, na pessoa de Barbosa de Magalhães—se desligou dos compromissos entre nós tomados e abandonou a actividade politica, desinteressando-se, por completo, d'esta chafurda ignobil onde, para maior miseria dos que tudo isso preferem a uma acção generosa e digna a favor desta linda região, tão merecedora de melhor sorte, consentiam, até, a servir-lhes de guia quem, pela sua insignificancia moral e intelectual, continua a agravar e a complicar tudo, visto ser essa a missão dos nulos com prosapias de alguem.

O dr. Marques da Costa, abandonou, como nós e como muitos, essa politiquice de regedoria, mesquinha e baixa, que a ninguem, verdadeiro patriota, agrada e convida. Para quantos, porêm, de perto conhecem e avaliam as virtudes do inclito cidadão, de novo o chamaram para junto da *élite* do P. R. P., incluindo o seu nome, como um verdadeiro preito de homenagem ás suas reconhecidas e elevadas qualidades de homem de bem—que nunca mercadejou nem traficou—na lista camararia da capital, sendo eleito.

Sobre este ponto, transcrevemos as insuspeitas palavras do diario *A Republica*, de 17 do mez findo, que diz:

> Foi eleito vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa o velho republicano e antigo deputado, dr. Marques da Costa, que trocando a medicina pela industria tem já hoje um nome respeitado e ilustre no nosso meio industrial.
>
> O dr. Morques da Costa é nosso adversario politico. Mas fica bem na presidencia do primeiro municipio do paiz, porque tem talento, tem criterio e um alto espirito de iniciativa.
>
> Estamos certos de que a cidade de Lisboa lhe vae ficar devendo grandes serviços, porque o dr. Marques da Costa, homem de acção e de prestigio, ha de querer assignalar a sua passagem por aquele alto cargo.
>
> Nós, pelo menos, confiâmos absolutamente em sua excelencia para a obra de progresso que é necessario realizar na capital.
>
> Temos sempre prazer em fazer justiça áquelas dos nossos adversarios que a merecem.

No ultimo Congresso do partido democratico, as palavras do dr. Marques da Costa, em resposta a umas conscienciosas falsidades que diversos patetas, arvorados em procuradores, lá pronunciaram com referencia a factos vergonhosos aqui passados, produziram tanta sensação, calando de tal maneira no animo da assistencia, que os taes defensores de tramoias conhecidas recolheram ao mais absoluto silencio, unica e digna recompensa do triste e deprimente papel que foram representar.

Houve roubos e o sr. ministro sabe em casa de quem estão os objectos roubados—afirmou o dr. Marques da Costa.

E nenhum dos tres advogados—procuradores—tão apaixonados na defeza dos seus clientes, teve a coragem de o convidar a pronunciar o nome dos donos d'essas casas onde o sr. Ministro, o dr. Marques da Costa e muitos outros sabem onde estão os objectos roubados ao Museu!...

O Democrata, amigo velho do velho amigo e companheiro de luta, escreve, com desvanecido agrado, estes periodos que dedica ao dr. Marques da Costa na hora em que a justiça começa a triunfar e nós o vemos, cheio de entusiasmo, a trabalhar, com fé, pelo engrandecimento da Republica.

CARTA

Amigo Arnaldo Ribeiro

Tenho andado por fóra, nas minhas ocupações, e por isso só hoje, de regresso, me inteirei do que se tem passado em Aveiro durante a minha ausencia e depois da publicação da carta que lhe enviei ha semanas. Caramba! Isso é que tem sido um sarilho, mas um sarilho de tres em pipa...

Olhe: eu não tenho tempo agora senão para, muito á pressa, o prevenir de que esse garoto, que apareceu a colaborar, de braço dado com o *dr. Neves*, no orgão democratico local, não passa dum simples acolito no indecoroso papel planeado nas trevas por um tonsurado muito conhecido neste meio pela sua cobardia e espirito rancoroso.

A fedorenta vergontea do sacristão de Santo Antonio, como ajudante dessa missa negra de difamação, injuria, calunia e mentira, esboça e rabisca para que o cosinhado, pelo disfarce, não revele, ás claras, o pulso do odiento masmarro; este, por fim, dá-lhe os ultimos retoques no seu estilo atribiliario, de prégador barato, o que tudo é muito consentaneo com as doutrinas de Cristo, que abjura com o seu procedimento e dos quais se inculca profissional unicamente no cabeção e na cara rapada. Mas é triste, meu caro Arnaldo, e, mais do que isso, infame, que numa questão para que o provocaram a respeito da vida de um sacerdote falecido nesta cidade, que foi exemplar chefe de familia, viesse á estacada, na sanha feroz de abocanhar a sua memoria, um colega dele, escondido na sombra, cheio de hipocrisia e cuja vida escandalosa é um monturo, que mantem á luz do sol, dizendo missa e prégando ao seus sermões, sem se lembrar de que *quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do visinho*...

Não posso ser mais extenso e tenho pena. Conte, porêm, Arnaldo Ribeiro, que na primeira ocasião farei dançar o biltre e todos quantos á roda dele andarem, na corda bamba...

Um apertado abraço do

Aveiro, 1 de maio.

João do Caes.

Catastrofe maritima

O vapor *Mossamedes*, da Empreza Nacional de Navegação, que fazia a carreira entre Lisboa e a Africa Oriental, afundou-se á semana passada, tendo perecido no naufragio umas 30 pessoas entre tripulantes e passageiros.

A carga tambem se perdeu por completo, sendo deveras emocionantes as narrativas que se conhecem do horroroso naufragio.

Conflito

Entre o tenente-coronel de cavalaria 8, Barão de Cadoro, e o director deste jornal, deu-se na segunda-feira, á tarde, nos Arcos, uma scena violenta a que poz imediato termo a intervenção de outros oficiais e mais pessoas que se encontravam no local.

O director do *Democrata*, que tinha passado defronte do *Cisne*, viu que dentro desse café se encontrava o cavalheiro acima citado. Foi ao Chiado e, voltando, encontrou-se com o seu velho amigo e correligionario, Manuel Marques da Cunha, com quem se deteve a conversar em frente áquela casa. Uns 10 minutos decorridos sáe o sr. Barão que, dirigindo-se-nos, comunica desejar-nos falar pelo que lhe retorquimos que ali mesmo o poderiamos atender. Acto continuo o conflito, que constituiu depois o assunto de todas as conversas e tem dado logar a varios ditos de espirito, todos provocados pela atitude do sr. Barão que, tendo perdido a linha da sua apregoada *bôa educação*, nos obrigou a dizer-lhe que, *entre nós, são impossiveis quaisquer confusões*. E que isto é assim, e que isto é a verdade, prova-o a maneira como o publico se tem manifestado em face do que veio publicado neste jornal e agora, que o sr. Barão resolveu investir comnosco, procurando, nesse recurso, uma saída airosa.

Não foi feliz, sr. Barão, nada feliz, no primeiro triunfo obtido como membro catégorisado das comissões politicas do democratismo local. Antes continuasse a supôr que o consideravam *talassa* porque, ao menos, livrava-se das bôcas do mundo e ninguem teria ensejo de avivar coisas desprimorosas, que, sendo agradaveis a certa gente, repugnam á maioria.

O sr. Barão! Agora é que vinha mêsmo a proposito a sua nomeação para governador civil substituto.

Beja da Silva

Foi nomeado governador civil de Evora este nosso particular amigo, que já tomou posse, e de quem ha a esperar, quando mais não seja, o apasiguamento das disenções politicas que lavram no distrito.

Os nossos cumprimentos.

Benemerencia

Um anonimo enviou-nos 20$00 para dividirmos por quatro pobres nossos protegidos, o que fizemos, dando 5 escudos a cada um dos seguintes: Maria Fartura, Justa Salgueiro, Amelia Morena e Claudio Pinto.

Tambem uma senhora, condoida com a sorte de Justa Salgueiro, nos fez chegar ás mãos, para ela, 5$00, que já tambem lhe foram entregues, assim como outros 5 do sr. José Moreira Freire, ontem recebidos, continuando nós a agradecer o interesse dos nossos leitores por aquelee que vivem na mais extrema miséria, completamente divorciados da fortuna.

EM LEGITIMA DEFEZA

O sindicante ao Museu de Aveiro responde aos que o acusaram no congresso democratico

Como prometemos, aqui inserimos hoje a terceira e ultima carta enviada a *O Mundo* por Silverio Junior a quem certos politiqueiros de Aveiro foram atacar, sem razão, ao congresso democratico, fazendo-lhe insinuações desprimorosas para o seu caracter, ás quaes responde, colocando a verdade onde ela deve ficar para vergonha dos seus miseros detractores. Diz assim Silverio Junior, a quem abraçâmos pela forma como acaba de defender-se dos *Zés ninguens* que o pretenderam abocanhar:

Meu caro Urbano.—Da carta ontem publicada em *O Mundo* ficou provado que tanto o ex governador civil de Aveiro, Antonio C. Ferreira, como as antigas comissões politicas do concelho, presididas pelo *Dr.* José Barata, protegerem, defenderam e procuraram encobrir o ex-director do Museu, então vergado sob o peso de tremendas e publicas acusações e, agora, definitivamente pronunciado por crime de roubo. Hoje provarei que, se ao Museu não regressaram se não *todos*, pelo menos, *a maior parte* dos objectos dali desviados, *a responsabilidade desse facto lhes cabe inteiramente*. De um oficio que em 19 de Agosto enviei ao sr. ministro, transcrevo a parte final:

Qual a intenção que determinou a publicação do oficio enviado pelo governador civil ao comissario, *proibindo as apreensões?* Ignoro-a. «O que me fica é o direito de proclamar bem alto que o acto do governador civil praticado no momento em que a policia estava realizando apreensões de objectos pertencentes ao Estado, fica-me o direito de proclamar bem alto que o governador civil, dentro da sua elevada missão, cumpriu com o seu indeclinavel dever: «sossegou alguns dos seus governados que sofriam de insónias depois que as apreensões começaram.» Bem haja.

Tens ainda, meu caro amigo, de memoria que as comissões politicas, em oficio assinado por *Dr. José Barata, protestando* contra as apreensões, afirmavam que *com isso, o sindicante, leva o desgosto a casa das principais familias da cidade*. Uma unica conclusão se tira: *em casa das principais familias de Aveiro*, segundo o *Dr. José Barata* e as comissões politicas, *existem objectos que são do Estado* e, d'ahi, o desgosto que as apreensões lhes causavam. Seguidamente á remessa daquele oficio, e portanto, em 19 de Agosto, lavrei, no processo de sidicancia, o seguinte despacho:

Enviado o oficio rétro, faço conclusos os autos, a fim de extrair os artigos de acusação, «forçado», como sou, pela atitude do governor civil, comissario de policia e das comissões politicas locais—*a terminar com as investigações*.

Este despacho é o pelourinho a que, para todo o sempre, ficam amarrados os defensores e protectores do ex-director, *bons republicanos* e *bons entendedores da sã politica*, como se julgam e apresentam, para honra dos que são simplesmente republicanos de convicções puras, firmes e inabalaveis. Afirmou o *ninguem* no Congresso, que a sua demissão nada tinha com a sindicancia. Faltou naturalmente á verdade. Vejâmos. A igreja de Jesus é um anexo do Museu. Tempos antes de eu ser nomeado sindicante, a pedido do sr. Barbosa de Magalhães feito por intermedio do meu querido amigo e perfeito homem de bem sr. dr. Domingos Pereira, o sr. ministro da Instrução, cedendo a reclamações publicas e particulares, ordenou o encerramento e selagem do Museu. E' claro que a igreja foi, e muito bem, encerrada e selada. Consta de um auto. Chegado a Aveiro, verifiquei que a igreja estava *aberta e entregue ao culto*. Procurei informar-me quem ordenára o desselamento. Soube que tinha sido o governador civil. Pedi ao ministerio informações e disseram-me que *nenhuma autorisação* oficial *fôra dada nem para abrir a igreja, nem para ali se realizarem actos de culto*. Que fazer? O meu dever era cumprir a ordem do ministro da Instrução de quem eu era, em Aveiro, delegado especial. Não vacilei cumpri-la: *encerrei e selei de novo a igreja*, que o governador civil, *sem autorização*, entregou a um padre, tão liberal, que, sendo pensionista, atirou á cara do governo com a pensão. Mais. Um padre que, numa predica que eu ouvi, *claramente aconselhava* as mulheres casadas a enganarem os maridos. Isto a proposito de uma medalha milagrosa de que fazia propaganda. Com a igreja, tinham sido entregues a êsse padre inumeros objectos de incalculavel valor, sem terem sido inventariados nem responsabilizar o padre pela sua guarda. Ainda hoje tenho a consciencia de, encerrando a igreja, ter cumprido o meu dever de republicano e de funcionario. Para mais, verificou-se por um documento ali encontrado, que já tinha a sua *Associação do Santissimo Coração de Jesus*, associação de que faziam parte pessoas de familia do ex-director do Museu. Sucede que o *ninguem* que, como todos os transfugas da monarquia, se considera um *bom republicano* e, portanto, *exaltado defensor...* da Lei da Separação o que fez? Mandou abri-la, para de novo a entregar ao padre já referido. Enganou-se, porêm. Só conseguiu tirar os sêlos que eu tinha aposto. Mas nem ele, nem o padre puderam entrar na igreja. As chaves tinha-as eu, por me recusar a entregar-lhas quando o *ninguem*, por escrito, me intimou a faze-lo. Porque foi demitido? Pelo mesmo motivo por que o sr. ministro da Instrução o relegou ao poder judicial, *por ter mandado arrancar os sêlos apostos na igreja*. A este crime corresponde pena maior celular. Tem, pois, o *ninguem* abertas diante de si as portas da Penitenciaria! Tambem o comissario de policia, por proposta minha, está entregue ao poder judicial por *inconfidencia em materia de serviço*. Tinha-lhe pedido, em oficio *confidencial*, para mandar apreender uns objectos a casa do ex-director e, ele, comissario, logo que recebeu o oficio procurou o ex-director *prevenindo-o do meu pedido de apreensão*, enviando-me depois os objectos dizendo que lhe tinham sido entregues *voluntariamente!* O cumulo!

Quanto ao tal dinheiro, são sincoenta e quatro escudos e sessenta centavos. Alberto o Museu, ordenei que se iniciassem os trabalhos de limpesa. Tinha pessoal, que requisitára ás escolas primarias, mas não tinha dinheiro. Soube que, *em deposito*, no cofre do governo civil, existia aquela importancia que era receita do Museu. Naturalmente, oficiei-lhe para que entregasse o dinheiro *ao conservador*, José de Pinho, que eu encarregara de dirigir e fiscalizar os trabalhos de limpesa. Recusou-se, na verdade, o *ninguem*, mas pouco depois *o conservador recebia* os 54$60 por expressa determinação do sr. ministro do Interior, que, tendo demitido o *ninguem* do cargo de governador civil, dignificou-se e dignificou a Republica. O acto energico do sr. Antonio Maria da Silva mereceu justificadissimos louvores de individualidades de alto relevo moral e politico dos partidos republicanos. Termino, tendo ainda muito que dizer. Antes, porem, de terminar, deixa-me, meu caro Urbano, que dirija do alto desta tribuna ao Directorio do P. R. P. um apêlo e um repto: Senhores do Directorio: prestigiem-se e prestigiem o partido, procedendo a uma rigorosa selecção moral. Mas, para já, irradiem *todos*, mas *todos* os defensores, protectores e encobridores do ex-director do Museu de Aveiro. Exige-o a honra da Republica, do partido e a vossa propria.

Para ti, meu caro Urbano, vai toda a minha gratidão pelo acolhimento que déste ao meu desabafo, provocado pela estupida inépcia de criaturas sem moral e sem ideiais. Abraça-te o teu amigo muito grato — **Silverio Pereira Junior.**

ENCONTRO FATAL

O caso passou-se em Coimbra, terra de encantos, de poesia, de amores.

Os dois: ele casado, ela bonita e solteira, encontraram-se nos Olivaes, travando amorosa conversa. Como ambos se dirigiam á cidade e naturalmente faziam gosto no que vinham dizendo um ao outro, resolveram seguir a pé, pela Cumeada, onde não seriam tão vistos, lembrando-se de, no caminho, entrarem na quinta outr'ora habitada pelo dr. Calisto e aí se sentaram no muro de resguardo de um velho poço, continuando o coloquio.

Eram 10 horas da noite.

O que se passou depois de tão ameno cavaco ninguem póde testemunhar; mas o que se sabe é que, pouco tempo após o terem-se sentado, começaram, na estrada, a serem ouvidos gritos lancionantes, pedindo socorro. Acudiu gente. Compareceram os bombeiros e então se verificou que os namorados jaziam no fundo do poço, onde cairam, e do qual foram retirados para serem conduzidos em estado gráve ao hospital.

Providencialmente, não havia agua no poço. Um bem porque escaparam de morrer afogados, ficando, no entanto, com os ossos num feixe.

Raio de azar! Tão bem principiada a conversa para, no fim, ir tudo de escantilhão.

Já lá viram desgosto maior?...

Sempre ingratos

Aos correligionarios do *doutor* deu-lhes agora para protestos e juras em volta duns escassos escudos com que concorreram para a ida, ao congresso, desse seu representante.

Não temos, é certo, nada com o caso, mas revolta-nos tais ingratidões. Se lhe não quizessem dar a *massa* ninguem a isso os obrigava. Mas agora chora-la, com lagrimas de sangue, de mistura com protestos irados de não tornar a cair noutra, chegando o desplante até o ponto de dizerem que era melhor ter deitado esse dinheiro á ria, é demais! O que queriam que o pobre homem fizesse? Pôr de novo o *ninguem* no Governo Civil, o *doutor* Barata no liceu, o Marques Gomes no Muzeu e o Barbosa no Ministerio?

Já não foi pouca a coragem para os arrancos de palafrorio que, por pouco, de *absorpto* o iam transformando em *morpto* naquela mansão... infernal!

Se nós nos temos lembrado a tempo, uma ajudasinha tambem lha davamos de todo o coração... Olé!

Agradecimento

José Rabumba, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as colectividades, conterraneos e amigos que o honraram, indo abrilhantar a festa que lhe foi dedicada em Matosinhos no dia da imposição da Torre e Espada com que fôra agraciado pelo governo da Republica, e homenageando-o a quando da sua estada nesta cidade, vem por este meio manifestar o seu reconhecimento a todos, sem excepção, afiançando não esquecer enquanto vivo fôr, as provas de carinhosa amisade de que o tornaram alvo.

Aveiro, 23 de abril de 1923.

Notas mundanas

Vindo de Loanda, onde é justamente considerado, tivemos ocasião de abraçar, esta semana, o nosso velho amigo e excelente republicano, Acacio Simões, que, depois de alguns mezes de descanso, conta voltar ás suas ocupações comerciais.

= Para aquela cidade africana, onde já tem estado e gosa da estima geral, segue no dia 8, a bordo do Africa, o tambem nosso querido amigo Antonio Lebre, capitão medico-veterinario, que vai continuar, na provincia de Angola, trabalhos encetados, de superior vantagem para a nossa grande possessão ultramarina.

Desejamos-lhe feliz viagem e as venturas a que tem direito pelas primorosas qualidades que lhe exornam o caracter.

= Egualmente partiu para a Guiné o sr. Paulo Guimarães, que, durante alguns anos, exerceu as funções de secretario da Junta Geral, tendo-se agora demitido desse cargo devido a outros serviços mais remuneradores, que já principiou por terras de além-mar.

Que a felicidade o não desampare e côlha sempre proveitosos frutos da sua nunca desmentida actividade, é o que sinceramente lhe desejamos.

= Está por completo restabelecido e entregue aos seus afazeres quotidianos, o sr. Manuel dos Santos Ferreira, que por esse facto tem sido muito felicitado devido ás simpatias de que gosa.

= Consorciou-se ha dias com a sr.ª D. Matilde Vieira de Rezende o sr. João Gomes Pires, natural de Fermentelos, mas estabelecido com relojoaria nesta cidade.

Muitas felicidades.

= Fez anos no domingo o sr. Octavio de Pinho.

DESPEDIDA

Antonio Lebre, sem tempo para se despedir pessoalmente de todas as pessoas amigas ao partir, de novo, para a Africa, fa-lo por este meio, oferecendo o seu limitado prestimo na cidade de Loanda.

Quinta do Picado, 30 de abril de 1923.

Correio do jornal

Sr. dr. Antonio Leitão, Macau—Recebida a sua carta registada de junho do ano findo á qual respondemos logo, agradecendo.

Sr. Crisanto de Melo, Paris—O jornal segue todos os sabados para o correio, não podendo a falta ser atribuida senão ao pessimo serviço que nele é feito.

Sr. Adelino Pereira da Silva, Chinde—Recebida a sua carta e o vale para pagamento da assinatura até ao fim do ano. Agradecemos.

Sr. Tenente Manuel R. Ferreira, India—Em nosso poder o cheque enviado para pagamento da assinatura até ao fim do ano. Muito reconhecidos.

Sr. Manuel Ferreira de Carvalho Afonso, Pará—Temos presente a sua carta, que muito nos sensibilisou, e bem assim o cheque que a acompanhava para pagamento da assinatura até ao fim do ano. Por tudo muito obrigados.

Sr. Carlos da S. Ribeiro, Loanda—Acusâmos a recepção do vale de 12$50, que, em virtude do aumento do preço do jornal, apenas paga o 1.º semestre de 1923 e os dois mezes, novembro e dezembro, do ano tranzato.

Sr. Augusto João Branco, Rio Grande do Sul — Recebemos o cheque para pagamento da sua assinatura que fica paga até 31 de dezembro do corrente ano.

Sr. Armenio Ferreira Dias, Brazil—O jornal, desde que foi aberta a sua assinatura, tem seguido com toda a regularidade para a direção indicada. Conforme os seus desejos, fizemos expedir os numeros saídos nos quatro mezes findos.